



**“SABÃO, UM PEDACINHO ASSIM... A ROUPA, UM TANTÃO ASSIM”:  
ARTICULAÇÕES ENTRE MEMÓRIA SOCIAL E AS LAVADEIRAS DE ROUPA DO RIO  
PARDO - BA**

**"SOAP, A BUDDY SO ... THE CLOTHES, A TANTON SO":  
ARTICULATIONS BETWEEN SOCIAL MEMORIES AND PARDO RIO WASHING  
MACHINES - BA**

**"JABÓN, UN PEDACITO ASÍ ... LA ROPA, UN TANTÓN ASÍ":  
ARTICULACIONES ENTRE MEMORIA SOCIAL Y LAS LAVADERAS DE ROPA DEL  
RIO PARDO - BA**

**Nádia Cristina Moraes Sampaio Gobira**

Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia - IFBA

Membro do Grupo de Pesquisa - NUAMSE - UESB

E-mail: ndiasampaio@yahoo.com.br

**RESUMO:**

As lavadeiras de roupa do Rio Pardo (BA) integram seu modo de vida à beira do rio. Isso acontece na prática das relações interpessoais, na preservação de símbolos e nas condutas que reconstróem a memória social desse grupo. Nesse contexto, transmitem-se as tradições por meio das experiências compartilhadas ao longo dos anos, bem como pelas memórias que são resguardadas. Com base nesse enfoque é que se procedeu à leitura do rio Pardo, por meio do olhar das mulheres que lavam roupas naquelas águas e cujas histórias de vida, permanências, produção espacial, conflitos, memórias e práticas giram em torno daquele espaço. A coleta de dados incluiu os seguintes instrumentos: revisão bibliográfica e pesquisa de campo. Para as lavadeiras, o “estar junto” é fundamental, consiste em um convívio que assegura a manutenção dos resquícios de uma cultura que já gozou de momentos de força e de solidez. É um processo de reconstrução e de reinvenção de si mesmas e do grupo.

**Palavras-chave:** Lavadeiras de Roupa; Memória Social; Rio Pardo.

---

**ABSTRACT:**

The clothes washers of Rio Pardo (BA) integrate their way of life by the river. This happens in the practice of interpersonal relations, in the preservation of symbols and in the behaviors that reconstruct the social memory of this group. In this context, the traditions are transmitted through the experiences shared over the years, as well as the memories that are preserved. Based on this approach, the Pardo River was read, through the eyes of the women who wash clothes in those waters and whose stories of life, permanence, space production, conflicts, memories and practices revolve around that space. Data collection included the following instruments: bibliographic review and field research. For washerwomen, "being together" is essential, it consists of a community that ensures the maintenance of the remnants of a culture that has enjoyed moments of strength and solidity. It is a process of rebuilding and reinventing themselves and the group.

**Keywords:** Clothes Washers; Social Memory; Rio Pardo.

---

**RESUMEN:**

Las lavanderas de Río Pardo (BA) integran su modo de vida a la orilla del río. Esto sucede en la práctica de las relaciones interpersonales, en la preservación de símbolos y en las conductas que reconstruyen la memoria social de ese grupo. En ese contexto, se transmiten las tradiciones por medio de las experiencias compartidas a lo largo de los años, así como por las memorias que son resguardadas. Con base en ese enfoque es que se procedió a la lectura del río Pardo, por medio de la mirada de las mujeres que lavan ropas en aquellas aguas y cuyas historias de vida, permanencias, producción espacial, conflictos, memorias y prácticas giran en torno a aquel espacio. La recolección de datos incluyó los siguientes instrumentos:

revisión bibliográfica e investigación de campo. Para las lavanderas, el “estar juntos” es fundamental, consiste en una convivencia que asegura el mantenimiento de los resquicios de una cultura que ya gozó de momentos de fuerza y de solidez. Es un proceso de reconstrucción y de reinención de sí mismas y del grupo.

**Palabras clave:** Lavanderas; Memoria Social; Río Pardo.

## 1 INTRODUÇÃO

Para compreender de que maneira um determinado grupo social se constituiu e se reconstituiu ao longo do tempo, é imprescindível estabelecer algumas conexões. Assim, as relações do cotidiano, os laços afetivos, os símbolos, os códigos de conduta e as práticas culturais são importantes para reconhecer os vínculos de pertencimento presentes no processo de reconstrução da memória social que resulta do compartilhamento das memórias individuais, nesse caso, das memórias das mulheres lavadeiras do rio Pardo, trecho que se localiza na cidade de Itambé, na Bahia.

Esse município é classificado como de pequeno porte e sua população é de 23.069 habitantes, de acordo com o último Censo Demográfico (IBGE, 2010). As lavadeiras que fizeram parte da pesquisa são moradoras de Itambé e residem em bairros considerados de camadas populares, distantes do centro da cidade e bem próximas ao rio.

Nos bairros mais carentes, onde a maior parte das lavadeiras reside, encontram-se vários problemas relacionados à falta de estrutura urbana, tais como: ruas mal iluminadas, sem asfaltamento, inexistência regular da coleta de lixo, violência urbana, falta de transporte regular e de segurança pública. As lavadeiras também convivem com a carência da regularização de água encanada para abastecimento residencial. Desse modo, não somente as lavadeiras, mas a população desses bairros indicou, durante a pesquisa, o descaso do Poder Público Municipal na resolução de tais adversidades.

Nesse contexto, avaliou-se que a memória social dessas mulheres se consolida à medida em que elas permanecem juntas no exercício diário de lavar a roupa no rio, seja exercendo uma profissão, seja como uma tarefa doméstica.

Segundo Halbwachs (2006, p. 39):

Para que nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que eles nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos faz recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum [...]. É preciso que essa reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será

possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

Para as lavadeiras, o processo de rememoração atrela-se ao reconhecimento do que se realizou no passado e do que ainda se pratica no presente. Lavar a roupa possibilita a essas mulheres perpetuarem-se nas músicas, nas cantigas, nos rituais diários, ainda que tal atividade não expresse apenas uma tradição e/ou um costume. Algumas delas veem nessa ocupação uma maneira de contribuir com a renda da família, pois lavam roupas de outras famílias e recebem por esse serviço.

É nesse enredo que se estabelecem as relações e uma forte conexão entre as lavadeiras e as águas do rio. O espaço motiva as leituras imateriais. Isso consolida os vínculos e as ligações interpessoais. Trata-se de um modo exclusivo de fazer, de representar, de perceber o “mundo” à sua volta. Existe um entendimento, não exatamente pacificado, que reforça a importância das memórias individuais, segundo o qual, essas memórias se projetam para a memória coletiva, pois estão juntas convergindo no processo de consolidação da memória. Conforme Halbwachs (2006, p. 31):

Outras pessoas tiveram essas lembranças em comum comigo e mais do que isso, elas me ajudam a recordá-las e, para melhor me recordar, eu me volto para elas, por um instante adotou seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois experimento ainda sua influência e encontro em mim muitas das ideias e maneiras de pensar a que não me teria elevado sozinho, pelas quais permaneço em contato com elas.

As lavadeiras pertencem à mesma realidade espacial, convivem com as outras estipulando hábitos, usos, signos e significados, e o estudo desse cotidiano admite conhecer a expressão de cada sociedade e suas lembranças. Elas constroem uma consciência de si mesmas e do lugar onde estão, o que possibilita reconstruir as lembranças e desenvolver o sentimento de pertencimento. Dessa forma,

A consciência socioespacial de pertencimento diz respeito ao sentido de pertença, dos laços de solidariedade, ao sentido de pertencer e de se reconhecer como ator/sujeito ou grupo em relação a uma comunidade, a um lugar, a um território. Esse sentimento não é algo natural, mas é uma construção humana/social e, portanto, histórica, que se desenvolve a partir das práticas que são estabelecidas no território e das representações espaciais (DOURADO; VARGAS, 2012, p. 07).

O sentimento de pertencimento se reforça nos elementos simbólicos, por meio dos quais as lavadeiras explicitam o que pensam, como percebem os mais variados lugares e as atividades do cotidiano, historicamente construídas. Esse sentimento vincula-se ao grupo e se expressa por meio



de mensagens que as representam em diferentes atos e práticas sociais. Para Mendes (2009, p. 55), “[...] as práticas cotidianas de todas as sociedades são cheias de sutilezas e complexidades, mesmo porque estão estreitamente veiculadas aos processos de reprodução e de transformação das relações socioespaciais”.

Destarte, é fundamental perceber o lugar onde parte da vida dessas mulheres se manifesta, nesse caso, o rio Pardo. A importância do rio não decorre apenas de sua funcionalidade, mas da memória individual de cada lavadeira que forma as memórias coletivas, responsáveis por promover a significação de lugares e por enchê-los de simbologia e de representação. De acordo com Halbwachs (2006, p. 69):

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a um ponto de vista sobre a memória coletiva. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios.

Para as lavadeiras, as recordações permitem uma ligação intrínseca com as águas do rio, não apenas com o ambiente físico, mas com o que este representa. À medida que as noções e os valores permanecem de forma intensa na memória passam a influenciar a vida dessas mulheres e, da mesma forma, esse mundo é influenciado pelas suas percepções.

As lavadeiras se reencontram com o que viveram outrora, ao levarem seus filhos e filhas para o rio, e criam suas expectativas sobre aquele ambiente. Para Ricoeur (2007, p. 140), “[...]o mundo dos predecessores e sucessores estendem nas duas direções do passado e do futuro, da memória e da expectativa”. A visão das águas do Pardo faz parte de vivências passadas, estabelece as vidas diárias e estas, de uma forma ou de outra, marcam o espaço e criam esperanças no que virá.

A memória social diz respeito aos que são próximos, aos que produzem a existência com significação, ainda que esta não ocorra de maneira homogênea. A memória social tem a condição de perpetuar o passado conjuntamente e de experimentar o presente com a única pretensão de se tornar eterna nas diversas memórias, pois as lembranças de um grupo revelam suas existências e as aprovam. Como bem expressa Ricoeur (2007, p. 48) “[...] por minha parte, incluo entre meus próximos os que desaprovam as minhas ações, mas não minha existência”.

Com base nesse enfoque é que se procedeu à leitura do rio Pardo, por meio do olhar das mulheres que lavam roupas naquelas águas e cujas histórias de vida, permanências, produção espacial, conflitos, memórias e práticas giram em torno daquele espaço.

## 2 METODOLOGIA

O detalhamento do método, dos instrumentos de coleta e da análise dos dados que subsidiaram este estudo suscita algumas considerações, necessárias ao entendimento da investigação. A primeira é que nenhuma pesquisa é neutra, seja qualitativa ou quantitativa. Minayo (2000, p. 37) afirma que “[...] qualquer estudo da realidade, por mais objetivo que possa parecer, por mais “ingênuo” ou “simples” nas pretensões, tem a norteá-la um arcabouço teórico que informa a escolha do objeto, todos os passos e resultados teóricos e práticos”. A segunda é que nenhuma das linhas de pensamento sobre o mundo social e natural compreende total e completamente a realidade. O que existe é uma tentativa de aproximação da realidade (MINAYO, 2000).

Nesse contexto, este estudo vincula-se ao campo da pesquisa qualitativa. Dessa forma, avaliou-se a paisagem do rio Pardo no Sudoeste da Bahia, mais especificamente na cidade de Itambé, identificando os aspectos marcantes para as lavadeiras de roupa. Analisaram-se as práticas consensuais e/ou conflitantes com a paisagem. A coleta de dados incluiu os seguintes instrumentos: revisão bibliográfica e pesquisa de campo, cujo objetivo foi investigar a percepção do grupo avaliado.

Para a pesquisa de campo, o trabalho dividiu-se em duas fases. A primeira consistiu-se na observação do dia a dia, no “vai e vem” e nas linguagens da comunidade. Nesse momento, elaborou-se um diário para retratar a paisagem do rio Pardo e os símbolos que caracterizam aquele ambiente. A observação foi privilegiada, tanto no que diz respeito ao contato com as pessoas que moraram e moram ali, quanto à interação com as lavadeiras de roupa.

A segunda fase concentrou-se na aplicação de entrevistas semiestruturadas. Priorizou-se a análise de significados, de elementos representativos, responsabilidades, interesses, possibilidades de uso, expectativas e práticas exercidas nas águas do rio. Com base nessas informações, foi possível proceder à caracterização das entrevistadas. Em seguida, fez-se a análise e a avaliação dos dados.

Diante do exposto, este estudo foi organizado na tentativa de compreender de que maneira o grupo social apontado mantém suas memórias às margens do rio Pardo.



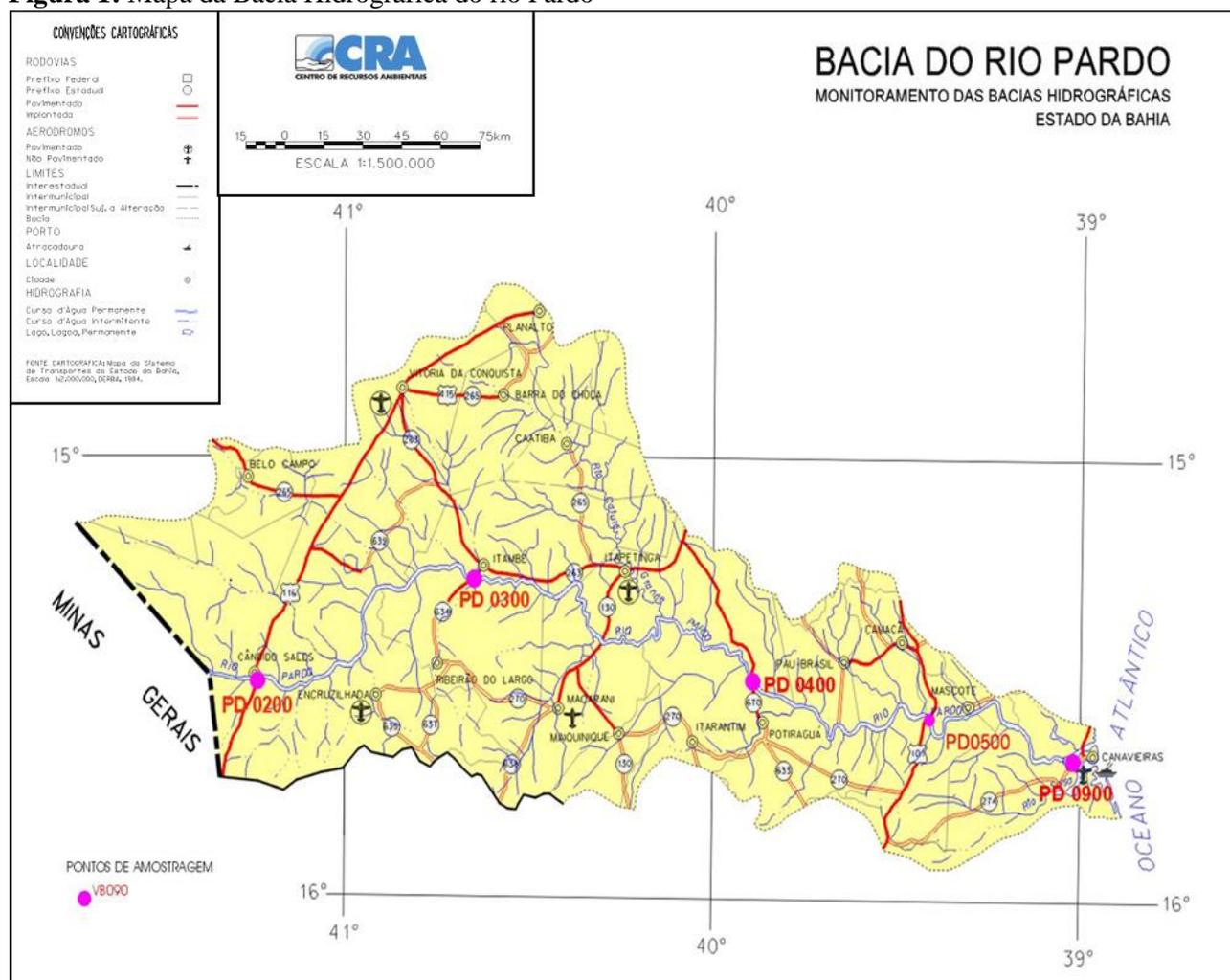
### 3 A MEMÓRIA SOCIAL E AS LAVADEIRAS DO RIO PARDO

*Presta atenção, minha gente  
na história que eu vou contar.  
Era uma vez um rio valente  
Que nasceu pequeno,  
Abriu seu caminho no peito,  
Se encheu de afluente e foi indo,  
Meio sem jeito, mas sempre contente  
Rio abaixo, deslizando...  
Pelejou tanto, tanto e morreu na praia,  
Coitado, como por encanto!  
Meu riozão, riozinho, tão grandão  
Tão pequenino, mas mesmo assim  
Cabe inteiro dentro do meu coração!  
(PANNUNZIO, 2004, p. 42).*

A bacia hidrográfica do rio Pardo corta os estados de Minas Gerais e Bahia, limitando-se ao norte com a bacia do rio de Contas, e ao sul com a do rio Jequitinhonha. O rio Pardo nasce no município de Rio Pardo de Minas no Estado de Minas Gerais e conclui seu curso no município de Canavieiras no Estado da Bahia desaguardo no Oceano Atlântico.

Os municípios baianos que compõem a Bacia do rio Pardo são: Cândido Sales, Belo Campo, Planalto, Vitória da Conquista, Itambé, Itapetinga, Barra do Choça, Caatiba, Encruzilhada, Ribeirão do Lago, Macarani, Maiquinique, Itarantim, Potiguará, Pau-Brasil, Camacã, Mascote e Canavieiras. Seus principais afluentes, são na margem direita, Rios Pardinho, Mosquito, Preto e Itaperaba, e na margem esquerda, o rio São João do Paraíso. Para visualizar aspectos básicos da bacia, apresenta-se na página a seguir a Figura 1.

No rio Pardo, na cidade de Itambé, na Bahia, estão localizadas as lavadeiras que diariamente se deslocam de suas residências com a finalidade de lavar roupas. Geralmente elas estão em grupo. Evitam ficar sozinhas ou ir sem companhia. Julgam que as margens do rio também são um espaço para crimes e uso de drogas, especialmente à tardezinha, quando retornam com as roupas lavadas. Para elas, o Pardo é um lugar que permite estreitar as lembranças e o trabalho, ou seja, “a gente trabalha e recorda”, conforme atesta uma lavadeira que costumeiramente vai ao rio.

**Figura 1:** Mapa da Bacia Hidrográfica do rio Pardo

Isso implica o fato de estarem ligadas àquele local, tanto funcional quanto simbolicamente. Halbwachs (2006, p. 163) assim expressa: “[...] quando um grupo humano vive muito tempo em lugar adaptado a seus hábitos, não somente os seus movimentos, mas também seus pensamentos se regulam pela sucessão das imagens que lhes representam os objetos exteriores”. A paisagem faz rememorar as suas vidas ainda crianças, quando iam ao rio com suas mães, também lavadeiras de roupa. Essas mulheres estão ligadas àquele lugar não apenas pela funcionalidade das águas, mas porque parte de suas vidas foi determinada e experimentada naquele local.

O processo de reconstrução da memória social produz o reconhecimento, a vivificação e, conseqüentemente, a ressignificação, ainda que essa não seja uma intenção declarada. A memória pode ser considerada um instrumento capaz de guardar dados próprios, além disso, uma possibilidade de (re)significação das coisas e de si mesmo. Afinal, “[...] a base material produzida se fixa no solo e torna-se parte da vida dos indivíduos que convivem com esse espaço, confundindo-se com a própria vida” (OLIVEIRA; COSTA, 2014, p. 08). Funciona tal qual uma lembrança do



que foi vivida outrora, uma possível reconfiguração de dados guardados na memória que são estimulados pela rememoração.

Algumas lavadeiras realizam suas atividades e retornam às suas casas, ou seja, não percebem no rio um caminho para as recordações coletivas. Porém, para a maior parte delas, o rio é mais do que um ambiente de serviço, é um refúgio para o encontro de suas histórias, suas memórias e um motivo para pensar no futuro. A memória social é um belo porvir, uma continuidade “[...] que não se atém no campo da artificialidade, pois não guarda nada do passado, senão o que está vivo, ou que se encontra na memória do grupo que a contém” (SILVA, 2016, p. 251).

A memória social está entrecortada pelo lugar em que as lavadeiras exercitam parte de suas vidas. Elas estão ligadas ao rio, não somente pelo fato de irem lá, mas pela importância daquele local para a constituição do viver diário. Carlos (2001, p. 279) pondera que:

São os momentos das apropriações possíveis que privilegiam o uso em detrimento da troca, nascimento comum de desejos de mudar a vida ou intensificá-la e que se colocam como possibilidade de existência dos espaços do encontro, da troca, da informação dos jogos, do divertimento, do prazer. Isto porque o espaço contém virtualidades que emergem e reproduzem o uso, restituindo e impondo um projeto de espaço.

Desse modo, nota-se uma relação dialógica entre memória e espaço, visto que a memória social contém as referências dos diferentes lugares em que os grupos depositam suas lembranças e suas imagens. Para Abreu (2014, p. 26):

A capacidade de lembrar é determinada não pela aderência de um indivíduo a um determinado espaço, mas pela aderência de um grupo do qual ele faz parte àquele mesmo espaço: um espaço em que se habitou, um espaço em que se trabalhou, um espaço em que se viveu. Um espaço, enfim, que foi compartilhado por uma coletividade por um certo tempo, seja ela a residência familiar, a vizinhança, o bairro, o local de trabalho [ou a cidade].

O rio é um elemento imprescindível na leitura dos espaços das lavadeiras. Sua relação com as águas é envolta de representação e de extrema utilidade. As águas carregam um simbolismo forte, importante para compreender a formação desse grupo social, visto que permitem a produção e a reprodução das vivências. “Nas sociedades tradicionais, a água (rios, cachoeiras etc.) é um bem da natureza, muitas vezes dádiva da divindade, responsável pela sua abundância ou pela sua escassez. Proveniente da natureza, a água é um bem de uso, em geral coletivo” (DIEGUES, 2005, p. 2). Nas figuras 2 e 3, são mostrados trechos do rio Pardo em Itambé, no sudoeste da Bahia.

**Figuras 2 e 3:** Trechos do Rio Pardo em torno do município de Itambé no Sudoeste da Bahia

**Fonte:** SAMPAIO, N. Pesquisa de campo, 2009.

As águas tornam-se um elemento impregnado de simbologia e assegura a certeza de que as atividades diárias dependem da sua presença. Em função disso, se observa que:

As significações simbólicas da água estão presentes em todas as culturas desde as mais antigas tradições permeadas de conteúdos mágicos. Por intermédio dos mitos e religiões, estas alegorias sobre a água eram relacionadas com símbolo e a origem de vida, meio de purificação e cerne de regenerescência (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 101).

Assim, pensar em certo lugar é perceber significações relacionadas à afetividade, com o sentido de pertencer a um espaço restrito e possibilitar a reconstrução das memórias que dizem respeito a uma determinada comunidade. O lugar torna-se um referencial para a memória. As experiências vividas no rio colaboram na produção de significados que se refere a um lugar em especial. Na visão de Arruda (2000, p. 41), o “[...] conceito de memória é importante, pois permite analisar as representações produzidas como resultado de uma experiência concreta e de desejos existentes sobre um determinado espaço geográfico”

Para Diegues (2007), rios, riachos, lagos, córregos, poços (para as populações litorâneas, a praia e o mar) desempenham um papel fundamental para a produção e reprodução, social e simbólica, do modo de vida. Esses locais garantem a água para saciar a sede dos homens e animais, para utilização das tarefas domésticas, para as hortas e pomares, para o transporte e a navegação e são também fonte de energia. Afinal, o cotidiano das lavadeiras se inscreve no rio.



O rio Pardo constitui uma referência para as lavadeiras. Por meio dele, elas se deparam com o medo, compartilham conflitos e momentos de alegria, pois relembram do perigo das suas águas antes dos efeitos da poluição urbana e do assoreamento. Falam da violência urbana que “deságua” no Pardo, pois muitas pessoas mortas são depositadas nele. Comentam sobre os conflitos na disputa do melhor lugar para estender as roupas, mas se lembram dos momentos de boas risadas, dos casos recordados e complementados pelas outras. Enfim, é o lugar da realização do cotidiano e da rememoração. A paisagem permeia as experiências diárias. Carlos (2001, p. 35) considera que:

Assim, as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais e acidentais, na vida cotidiana. Revela-se como espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido pelo indivíduo por meio do corpo, pois é com todos os sentidos que o habitante usa o espaço, cria/percebe os referenciais, sente os odores dos lugares, dando-lhes sentido. Isso significa que o uso do espaço envolve o indivíduo e seus sentidos, seu corpo; é por ele que marca sua presença, é por ele que constrói e se apropria do espaço e do mundo no plano do lugar, no modo como usa o espaço e emprega o tempo da vida cotidiana.

De um modo mais amplo, a paisagem pode ser compreendida tal qual um exercício de ordenamento da imagem do mundo cujo ponto de partida é o ambiente próximo, concreto, palpável e apreensível pelos sentidos humanos, mediante a concepção de cada povo e de cada época. Carlos (1996, p. 30) declara que o sentimento de pertencimento é fundamental para a ligação entre as pessoas e os lugares habitados.

A natureza social da identidade, do sentimento de pertencer ao lugar ou das formas de apropriação do espaço que ela suscita, liga-se aos lugares habitados, marcados pela presença, criados pela história fragmentária feita de resíduos e detritos, pela acumulação dos tempos, marcados, remarcados, nomeados, natureza transformada pela prática social, produto de uma capacidade criadora, acumulação cultural que se inscreve num espaço e tempo.

Del Rio (1996) afirma que cada um de nós possui uma visão de mundo, que não pode ser objetiva, mas composta de um conjunto de realidades subjetivas e significativas, de valores e interpretações que dependem de uma série de fatores, sociais ou inerentes ao indivíduo. Portanto, os usos e os hábitos constituem a manifestação palpável de determinado lugar, na mesma dimensão em que este é também a revelação concreta do espaço. Reunidos, os usos e hábitos, produzem a imagem do lugar, revestida da paisagem que pode ser lida e relida diariamente. É a unicidade da existência humana no mundo físico, transformada em manifestações simbólicas que não se reduzem umas às outras, mas que estão inscritas na paisagem. São, portanto, diversas e diferenciadas as

manifestações simbólicas, a depender da cultura externalizada como expressão de sua existência. Berque (2004, p. 84-85) assegura que existe uma relação profunda da sociedade com a paisagem.

A paisagem é uma *marca*, pois expressa uma *matriz* porque participa dos esquemas de percepção de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, a paisagem do seu ecúmeno. E assim, sucessivamente, por infinitos laços de codeterminação.

A paisagem do rio Pardo tem uma significação que remete às lembranças ao passado, às experiências do presente e instiga o porvir. “A gente às vezes fica lembrando como o rio foi importante e como ele ainda será para quem vier, de como pode ser para nossos dos filhos ou não”, comenta uma lavadeira. A rememoração é parte da integração do grupo das lavadeiras. Todas elas ancoram e concordam com a ideia de que podem compartilhar as memórias individuais. Desse modo, a memória social é alicerçada, pois “nesse processo, os grupos sociais, possuem um papel essencial para atualização e complementação das lembranças individuais mediante o confronto de testemunhos entre seus membros” (SILVA, 2016, p. 251).

Para essas mulheres, a lavagem de roupa é um momento de socialização, de cantorias, de refazer os repentes, de lembrar práticas culturais e reviver o que experimentaram quando ainda meninas. Várias delas caminham juntas até chegarem à margem desse manancial. Algumas conversam, outras se mantêm em silêncio. Boa parte toma conta dos filhos que são levados para ajudar na luta diária. A forma como ensinam seus filhos e filhas a lavarem a roupa é uma maneira de perpetuar as práticas que mantêm a sua memória viva. É o exercício do porvir, pois a memória pertence ao passado, ao presente e ao futuro.

Nas Figuras 4, 5 e 6 são mostradas as lavadeiras no exercício de suas atividades, bem como o filho de uma delas que brinca na canoa enquanto acompanha sua mãe.

Na concepção de Ricoeur (2007, p. 40), “[...] não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos nos lembrar dela”. Para as lavadeiras, o rio representa o exercício da própria vida. É uma marca indelével da história do grupo, afinal, “[...]todo lugar recebeu a marca do grupo, e vice-versa” (HALBWACHS, 2006, p. 159).

Lembrar é exercitar a memória, a memória individual e a coletiva têm a capacidade de orientar a relação do grupo com o espaço, nesse caso o rio Pardo, uma vez que o espaço age sobre o grupo e o contrário também acontece. É uma ação recíproca.

**Figura 4 e 5:** Lavadeiras na prática de sua atividade no Rio Pardo num dia de domingo



**Figura 6:** Filho de uma lavadeira brinca com uma canoa inutilizada, pois está perfurada, enquanto a mãe lava a roupa no Rio Pardo



**Fonte:** SAMPAIO, N. Pesquisa de campo, 2009

Todas as memórias estão conectadas ao modo de vida que as mulheres aprenderam a exercitar desde a infância. Elas se recordam, entre outros fatores, de como era o rio, do perigo de irem com suas mães para as águas do Pardo, uma vez que ele sempre fora caudaloso e profundo e isso as deixava apreensivas; de quando, ainda meninas, aprenderam a escolher os melhores locais para ajudar às mães na lavagem das roupas; da maneira de quarar<sup>1</sup> a roupa, ou seja, de alvejá-las; da forma como faziam para levar a bacia de roupa na cabeça e das quedas em função da falta de equilíbrio; das risadas quando uma ou outra menina não acertava pôr a trouxa de roupa (várias roupas lavadas enroladas em um grande lençol) na cabeça para facilitar o deslocamento.

As mulheres relembram as músicas e os rituais que realizavam com seus parentes ao chegar ao rio e iniciar essa tarefa. Recordam do mau tempo que atrapalhava o serviço e de quanto a roupa demorava para secar em função das chuvas, por exemplo. Enquanto umas contam as histórias, outras vão adicionando fatos e todas vão concordando e dando sentido à vida que experimentam no presente. Ao rememorar, vão acrescentando o que acontece no presente, imaginam como será o futuro, ou mesmo se haverá lavadeiras por ali. Pensam no futuro do próprio rio. Nesse dilema, uma lavadeira assim comenta: “esse rio era abundante, muita água mesmo e era tanta que até gente morria. Hoje tá ralinho, estreito e pode passar até a pé por onde só passava de barco ou nadando”.

<sup>1</sup> Regionalismo brasileiro com o sentido de “corar”, clarear (tecido, roupa etc.) pela exposição à luz do sol. HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

O fato de irem constantemente ao rio possibilita rememorar tempos, histórias e isso é fator de concordância entre elas. Bosi (1994, p. 55) concebe que, na maioria das vezes, “[..] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado [...] a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição”.

#### 4 AS ÁGUAS DO RIO PARDO

Entre as lavadeiras e as águas do Pardo existem diversas relações, entre elas, os variados pretextos que levam essas mulheres para a beira do rio. Elas comentam os vários motivos que as conduzem a ir ao encontro dessas águas: para umas, a falta de água encanada em algumas residências; outras informaram que, embora disponham de água tratada em suas casas, preferem lavar a roupa no rio, em primeiro lugar porque isso favorece a redução do valor das contas de água, em segundo, pela falta de depósito (tanques, caixas d’água etc.) para armazenamento do líquido; outros motivos são a deficiência do serviço público de abastecimento, a possibilidade de incremento da renda familiar e, também, o prazer de estarem com outras lavadeiras de roupa.

A dinâmica se manifesta de várias formas. Enquanto algumas lavadeiras chegam, outras estão saindo. No decorrer da atividade, as cercas servem de varais para secar a roupa, a vegetação mais próxima é utilizada para “deixar a roupa de molho” e algumas mulheres levam a roupa lavada para ser estendida em suas residências. Tem-se nas imagens a seguir (Figuras 7, 8 e 9) a demonstração de como são dispostas as roupas para a secagem e os locais utilizados.

**Figuras 7, 8 e 9:** Cercas usadas para pôr a roupa para secar



**Fonte:** SAMPAIO, N. Pesquisa de campo, 2009.

O tempo destinado à atividade traz as lavadeiras para perto do rio. A percepção dessas mulheres concentra-se no uso e na utilidade das águas do Pardo. Para elas, o material de trabalho, caixas vazias de sabão em pó, vasilhames de alvejantes ou restos de sabão deixados nas pedras, por exemplo, não é capaz de poluir, “pois desce com a água e não fica empatando a água descer”.

Desse modo, a beira do rio contém restos desses materiais deixados por elas. Com relação aos riscos para a saúde e à poluição, a opinião é unânime: “não vejo problema estarem dentro do rio, porque a água não fica suja, porque é corrente”; ou “pode ser suja porque tem esgoto, só que está escorrendo pela corrente do rio e a sujeira não acumula”; “é perigoso para quem toma banho, mas não para quem só molha das canelas para baixo como nós”. Esses depoimentos apontam total desconhecimento dos malefícios que as águas poluídas podem ocasionar. Com tais narrativas e atitudes, elas demonstram pouco conhecimento das questões ambientais.

Na opinião das lavadeiras, o rio é saudável, divino, uma dádiva de Deus. Além disso, por ser um ambiente coletivo e promotor da interação entre as mulheres que ali lavam roupas, é considerado um lugar para descontrair.

O caráter social da memória dessas mulheres resulta de vários fatores. O processo de recordar é social, dado que a evocação do passado ocorre por meio do compartilhamento de fatos, dos pontos de referência que cada indivíduo utiliza para codificar, armazenar e recuperar informações que são definidas socialmente. Para tanto, a memória individual não poderia funcionar sem ideias, imagens e representações e conceitos, construídos e partilhados coletivamente. É a leitura das imaterialidades no espaço. Para Pesavento (2005, p. 10),

Este é um processo de definição de um pertencimento, composto não apenas pelos registros do mundo material, dados a ver, tangíveis, à disposição do passante, mas como também aqueles advindos da esfera do imaterial, depositados na memória, nas tradições, na rememoração das vivências passadas, no mundo das coisas ditas.

Assim, é indispensável observar nas recordações a reconstrução das vidas, pois as memórias em torno do rio são uma construção coletiva, por conseguinte, uma conjunção do que foi com o que será na reconstrução diária da memória social das lavadeiras. É uma possibilidade de preservar a memória, uma vez que no rio, as lavagens de roupas são parte das lembranças e da vida diária. “Deste modo, mais do que garantir a preservação do que se passou, a memória pode ser uma aposta no porvir” (GONDAR, 2016, p. 34). Uma conjunção possível e quase instantânea do passado com o futuro, e, sobretudo, o direito de perpetuar-se.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os homens e as mulheres experienciam suas realidades de maneira diferente e, mesmo assim, estão constantemente se apropriando do espaço em que vivem e se estabelecem. Esses espaços evidenciam o lugar das coisas, que constituem um sistema de imagens e objetos, que se materializam, se corporificam na cidade e no campo. É um ambiente que pode ser mapeado, espacializado.

Neste íterim, o espaço do rio Pardo é um local cheio de atributos físicos tais como: sua vegetação, o relevo, os animais típicos da área, suas águas, etc. Nesse combinado, se observam os símbolos representados pelo rio: a vida, a abundância e sua riqueza natural. Há na existência do rio Pardo uma multiplicidade de significados, sentimentos e simbologias. É uma leitura do rio de forma integral, das áreas insalubres e perigosas, das imagens visíveis, contraditórias e que conformam o desenho do Pardo. Nessa perspectiva, as narrativas e as memórias das lavadeiras se referenciam em um lugar específico, abarcando o espaço da memória e a memória do espaço do rio Pardo que são indissociáveis.

Ao ler a paisagem do rio Pardo, no intuito de conhecer a memória social das lavadeiras de roupa, tanto no exercício da profissão quanto na realização de mais uma tarefa doméstica, nota-se que elas reinventam as práticas exercidas há muito tempo por outras mulheres. Para elas, o “estar junto” é fundamental, consiste em um convívio que assegura a manutenção dos resquícios de uma cultura que já gozou de momentos de força e de solidez. É um processo de reconstrução e de reinvenção de si mesmas e do grupo. Nesse movimento, de reinvenção da memória, convocam-se as narrativas e os testemunhos para que se possa dar conta das transformações materiais e imateriais do espaço em questão.

Assim, é imprescindível perceber que a rememoração que se faz no cotidiano das lavadeiras tem a finalidade de resguardar o passado, ainda que elas não tenham exata consciência disso, bem como de permitir a perpetuação de saberes, de tradições e delas mesmas; uma vez que a manutenção de suas vidas foi forjada nessas águas e na força desse manancial, portanto é válida a preservação dos espaços de memória que se tornaram locais de referência, depositários das lembranças do passado e onde se almeja e vislumbra o futuro.

Não são apenas lembranças de uma época, de um passado, mas uma combinação de memória e espaço, com suas expressões e construções sociais, como fatores significativos da vida coletiva que são permanentemente reconstruídas.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri *et al.* (Org.). **A produção do espaço urbano**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 19-39.
- ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões: entre história e a memória**. Bauru: Edusc, 2000.
- BERQUE, Augstin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. 2ªed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. IBGE. **Censo demográfico, 201**. Disponível em: < www.ibge.com.br>. Acesso em: 24 de março de 2018.
- CARLOS, Ana Fani A. **Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CHEVALIER, J. GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- DEL RIO, Vicente, OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1996.
- DEL RIO, Vicente. Cidade da mente, Cidade Real percepção e revitalização da Área Portuária do RJ. In: DEL RIO, Vicente, OLIVEIRA, Lívia de (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1996.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **Aspectos socioculturais e político do uso da água**. NUPAUB – Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP. São Paulo: NUPAUB, 2005.
- DIEGUES, Antônio Carlos. Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras. **I Encontro Internacional: Governança da água**. São Paulo: novembro de 2007.
- DOURADO, Auceia Matos; VARGAS, Maria Augusta Mundim. Entre tradições e traduções: identidade territorial nos assentamentos de reforma agrária. **3º Seminário Regional Norte e Nordeste de Pós-Graduação em Geografia. Anais**. João Pessoa, 2013.
- GONDAR, JÔ. Cinco proposições sobre a memória social. **Revista Morpheus**. Estudos interdisciplinares em memória social. Edição Especial. Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2016. v. 9, n. 15, p. 19-40.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.
- MENDES, Geísa F. **Sertão se traz na alma? Território, lugar, memória e representações sociais**. Tese de Doutorado apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Geografia– Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desenho do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7ª edição. São Paulo Hucitec. Rio de Janeiro: Abrasco, 2000.

OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de Oliveira; COSTA, Ana Paula Rodrigues da. Espaço e memória na representação histórico-cultural materializada nas paisagens do núcleo de formação histórica da cidade de Juazeiro do Norte-CE. **Revista Casa da Geografia de Sobral**. Sobral, 2014, v. 16, n. 2, p. 3-19.

PANNUNZIO, Martha Azevedo. **Era uma vez um rio**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

PESAVENTO, S. J. Cidade, espaço e tempo: reflexões sobre a memória e o patrimônio urbano. **Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**. V. II, nº4. Pelotas, RS: Editora da UFPEL. Ago/Dez 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Giuslane Francisca da. A memória coletiva - **Revista Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) 2016 (Resenha).

VARGAS, Maria Augusta Mundim. Sentimentos da natureza: recorte de práticas do Nordeste Brasileiro. Encontro Regional de Estudos Geográficos. **Anais**. Aracaju, 2003.

Recebido em 16 de abril de 2018  
Aprovado em 16 de junho de 2018

